

A Revolução do 25 de Abril

Ensaio Histórico

José Medeiros Ferreira

Introdução

Pedro Aires Oliveira

Maria Inácia Rezola

SHANTARIN

Índice

- 5 **Medeiros Ferreira e o código genético do Portugal democrático**
por Pedro Aires Oliveira e Maria Inácia Rezola
- 13 **Nota biográfica de José Medeiros Ferreira**, por Mário Mesquita
- 17 **A Revolução do 25 de Abril. Ensaio Histórico**
- 19 **Agradecimentos**
- 21 **Prefácio**
- 27 Capítulo I
Os acontecimentos do dia 25 de abril: a operação «Fim-Regime»
- 47 Capítulo II
O 1.º de Maio de 1974
- 57 Capítulo III
Do 1.º de Maio à tomada de posse do I Governo Provisório
- 81 Capítulo IV
Da natureza do poder político à natureza da descolonização
- 95 Capítulo V
Luta institucional e regime político: os partidos da Revolução
- 133 Capítulo VI
O Movimento das Forças Armadas e a estratégia militar
- 175 Capítulo VII
Aspetos sociais e económicos da Revolução
- 201 **Conclusão**
- 209 **Glossário**, por Manuel Martins
- 225 **Fontes**
- 228 **Bibliografia**
- 232 **Seleção de fotografias da Revolução do 25 de Abril**
de Jorge da Silva Horta

Medeiros Ferreira e o código genético do Portugal democrático

Pedro Aires Oliveira

IHC/NOVA FCSH-IN2PAST

Maria Inácia Rezola

IHC/NOVA FCSH-IN2PAST, ESCS-IPL

À beira de completar meio século, a Revolução do 25 de Abril de 1974 tem já atrás de si uma bibliografia respeitável — embora de qualidade desigual. Essa literatura espraia-se por diversas áreas do saber, da ciência política à economia, da sociologia ao jornalismo, e, naturalmente, inclui também a história. Ao empreender a tarefa de escrever uma síntese interpretativa desse grande momento de viragem histórica, apenas nove anos volvidos sobre o seu desenrolar, José Medeiros Ferreira estava bem consciente dos riscos e dificuldades com que se depararia (desde logo, a questão da sua própria objetividade/imparcialidade, dado que fora uma ator participante dos acontecimentos), e disso mesmo nos dá conta no prefácio que podemos ler mais adiante.

No início dos anos 1980, Medeiros Ferreira estava numa fase de «pousio» da sua atividade política, que desde o seu regresso do exílio na Suíça, no Verão de 1974, tinha absorvido praticamente todas as suas energias. Terão sido aliás os anos politicamente mais intensos da sua vida, pelo menos desde que o país recuperou a liberdade. Deputado à Assembleia Constituinte pelo Partido Socialista, estreara-se nas lides governativas em setembro de 1975, ao assumir funções como Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, no VI Governo Provisório, num ministério chefiado por Ernesto Melo Antunes. Em 1976, depois das primeiras eleições legislativas em democracia, Mário Soares confia-lhe a liderança da política externa do novo governo socialista e é nessas lides que Medeiros Ferreira protagoniza algumas das iniciativas mais marcantes das novas relações internacionais do novo regime, como a

assinatura da Convenção Europeia dos Direitos do Homem (1976), o ingresso no Conselho da Europa (1976), ou o pedido formal de adesão à Comunidade Económica Europeia (1977). Um desentendimento político com Soares nesse último ano irá, contudo, levá-lo a abandonar o governo e o próprio PS, tendo depois formado, com António Barreto, Francisco Sousa Tavares e outras personalidades, um movimento político à direita dos socialistas — os Reformadores — que chegaria a acordo com Sá Carneiro para concorrerem nas listas da Aliança Democrática às eleições legislativas intercalares de 1979, segundo Medeiros Ferreira para «introduzir maior flexibilidade no sistema económico favorecendo os elementos empreendedores»¹.

Essa aproximação acabaria por ser bastante efémera, em boa medida por Medeiros Ferreira se ter decidido a apoiar a recandidatura presidencial do general António Ramalho Eanes, em 1980, em divergência com a estratégia de Sá Carneiro e da AD, de confronto aberto com o Presidente. Consumada a reeleição de Eanes, no início de 1981, estava de volta à vida universitária, que havia interrompido em 1974, em Genebra, precisamente quando ganhava balanço para iniciar uma tese de doutoramento em História, orientada para o estudo da Sociedade das Nações.

Apesar da sua inserção académica em Portugal se vir a concretizar na Universidade Nova de Lisboa, seria no quadro da Universidade Católica Portuguesa (UCP) que encontraria os recursos necessários para prosseguir certos trabalhos de investigação. Numa conjuntura de consolidação da democracia representativa, algumas fundações internacionais estavam ainda bem ativas em vários domínios no nosso país, procurando fortalecer toda uma série de instituições relevantes no tecido político, sindical ou cultural das áreas do centro-esquerda e centro-direita. A Fundação Friedrich Naumann, ligada aos Democráticos Liberais alemães, era uma delas, tendo sido uma das financiadoras de projetos

1. FERREIRA, José Medeiros. *Do Código Genético no Estado Democrático*. Lisboa: Contexto, 1981, p. 14.

na UCP, escola que acolhera também um Gabinete de Estudos Rurais, liderado por António Barreto.

Sobre o projeto de onde emanou esta obra, sabemos que se desenvolveu no quadro da Faculdade de Ciências Humanas da UCP, com o estímulo do Professor Mário Pinto, antigo membro do Gabinete de Investigações Sociais (hoje ICS), fundador da SEDES e também deputado à Constituinte e depois à Assembleia da República (PPD/PSD), e a colaboração de uma jovem licenciada em economia, Margarida Moreau. Foi neste contexto que se procedeu à compilação dos elementos de pesquisa assinalados nas Fontes.² Preocupado com a preservação, mas também com a criação de fontes historiográficas, Medeiros Ferreira empenhou-se em registar testemunhos e promover relatos de acontecimentos pouco conhecidos ou explorados. Foi, desta forma, pioneiro no recurso à história oral como um auxiliar fundamental da história dita tradicional.

O livro que agora se reedita é uma obra simultaneamente humilde e ambiciosa. Humilde porque o seu autor estava bem consciente de que nove anos era um período manifestamente insuficiente para lhe proporcionar o distanciamento e os materiais necessários a uma síntese multifacetada acerca dos acontecimentos que pretendia tratar. Muita documentação estaria ainda em vias de ser depositada e inventariada em arquivos, sendo incerto o momento em que poderia ficar disponível aos investigadores (o Centro de Documentação 25 de Abril, sediado na Universidade de Coimbra, apenas se constituiria em 1984). Por outro lado, como o próprio autor salientaria na sua obra de maior fôlego dedicada ao tema, *Portugal em Transe* (1993), de certa forma só em 1986, com a entrada na CEE, é que se poderia talvez dar por encerrado este longo período de transição aberto pela rutura revolucionária de 1974. Portanto, menos de dez anos passados sobre os acontecimentos, até que ponto seria razoável pensar-se num balanço propriamente histórico?

No entanto, nada disto o desencorajou de tentar uma primeira síntese interpretativa — é a sua faceta mais ambiciosa —, sendo a escolha do

2. Um agradecimento é devido ao Professor Mário Pinto pelos esclarecimentos prestados sobre esta colaboração de José Medeiros Ferreira com a Universidade Católica.